

O BRILHO COMO ÊXTASE DO IMAGINÁRIO COLETIVO: SISTEMAS SIMBÓLICOS DE ENCANTAMENTO NA ARTICULAÇÃO COM O SAGRADO

Autor: Maurílio Guimarães

Resumo

A coesão entre o sagrado e o brilho se apresenta em sua enorme diversidade de relações e manifestações. Neste artigo, procuro relacionar três aspectos: o brilho, o sagrado e o imaginário, procurando identificar como acontece essa relação enquanto compreende as diversas formas de entendimento da festa de Corpus Christi da cidade de Matão/SP, estudo de caso da minha pesquisa de mestrado. O encantamento com o sagrado só se explica na sua própria dimensão, onde os conceitos não alcançam, mas podemos analisar esta relação com o sagrado através de uma visão etnológica e sociológica, percebendo como esta manifestação acontece.

Palavras-chave: Brilho. Arte. Cultura popular. Imaginário. Sagrado.

Abstract

The cohesion between the sacred and the brightness comes in a huge variety of relationships and manifestations. In this article, I have three factors: the brightness, the sacred and the imaginary, as in trying to identify this relationship while understanding the various ways of understanding the event. The enchantment with the sacred can be explained only in size, where the concepts cannot reach, but we can analyze this relationship with the sacred through an ethnological and sociological view, realizing how this manifestation happens.

Keywords: Shine. Art. Popular culture. Imaginary. Sacred.

Introdução

A religião advém enquanto manifestação cultural, incorporada ao nosso modo de viver ritualizado. Para Hartzfeld, o "ritual agarra a emoção primitiva, exprime-a e extenua-a" colocando-a "num sistema de signos que codifica o que se deve sentir" (1993, p. 129). Procuramos analisar como se dá o sentimento numinoso, conceito observado pela descrição postulada por Rudolf Otto.

O sagrado *per se* é exclusivamente explicado em sua própria escala, ou seja, a escala religiosa. Todavia, no plano fenomênico ele se apresenta em uma diversidade de relações que nos possibilitam estudá-lo à escala das ciências humanas. (GIL FILHO, S.F., 2010, p.2)

As crenças religiosas engendam nosso modo de compreender o mundo. Segundo Tersteegen, escritor religioso alemão do século XVIII, "*Um deus compreendido, não é um Deus*" (OTTO, 1985, p.29). Nesta perspectiva, a referência ao sagrado em seu caráter experiencial possibilita a significação plena, transcendendo e alçando realidades mais profundas e posicionando o homem em sua própria existência. O encantamento com o sagrado só se explica na sua própria dimensão, onde os conceitos não alcançam. Conforme Eliade "*o espírito utiliza as imagens para aprender a realidade última das*

coisas" que "se manifesta de maneira contraditória e, por conseguinte não poderia ser expressa por conceitos" (ELIADE 2001, p.46).

O brilho, enquanto fenômeno óptico, corresponde à intensidade máxima de luz refletida e irradiada. Presenciamos, neste caso, uma luz viva e cintilante. A identificação desse fenômeno natural e as relações e significações no cosmos associadas a ele criam simetrias e analogias a ideia do sagrado. Emana do inconsciente um fascínio sobre os indivíduos, sacralizando o acontecimento e devotando adoração por parte dos fiéis. Esse efeito se mostra capaz de manifestar algo além da realidade. *"O sagrado manifesta se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades 'naturais'" (ELIADE 1992, p.7).*



Imagem 1 - Nas ruas, as cores fosforescentes ressaltavam os trabalhos, como observamos nesta imagem fotografada do terraço do Hotel Leiria em 2011 na festa de Corpus Christi da cidade de Matão/SP.

Fonte: Arquivo pessoal.

Além da expressão popularmente utilizada, 'brilho nos olhos' referindo-se à 'porta da alma', são diversas as formas que encontramos para se referir ao brilho enquanto revelação do sagrado. Exemplo clássico é o halo em torno das cabeças dos anjos e santos. O halo é um fenômeno óptico que consiste na formação de um anel de luz que rodeia um objeto ou figura, também conhecido como auréola. A fosforescência acarreta ao material opaco a qualidade brilhante, determinando a capacidade de brilhar no escuro. A percepção cromática da cor fosforescente remete ao estímulo físico imediato, intensificando a sensação provocada. A cor fosforescente amplia as possibilidades de significação do material observado.

Os objetos litúrgicos mais preciosos da Idade Média eram feitos dos materiais mais luminosos e mais capazes de refletir a luz. Acreditava-se, inclusive, que alguns desses materiais – por exemplo, o carbúnculo – pudessem emitir luz. (GAGE, 2012, p.4)

A saturação da cor, semelhante ao brilho, parece transcender a matéria e conter a essência da natureza espiritual. A imagem escapa à nossa capacidade de apreciá-la inteiramente e insere um sentimento de êxtase, por nos sentirmos, de certa forma, em contato com esse mundo imaterial. As cores possuem diferentes características além de seus matizes – saturação, luz, opacidade – que desencadeiam estímulos psicológicos distintos. Sua dinâmica contém um amplo poder metafórico e funciona como “índice de aquisição de conhecimento na infância” (Op. cit., p. 47).

José Maria Dias da Cruz (2001) reflete sobre a percepção sensível e apresenta o “ser no colorido” como a experiência concreta da cor,

[...] Há a cor abstrata substantiva, que subsiste por si mesma e é uma ideia platônica, e a cor concreta adjetiva, cuja condição é ser no colorido. [...] Como concretas adjetivas as cores são mais qualitativas, independente de nomeação na medida em que convivem com as demais cores do colorido. (CRUZ, 2001, p.78)

Yves Klein, Kazimir *Malevich*, Wassily Kandinsky, Anish Kapoor são artistas que apresentam o aprofundamento do estudo sobre as cores – e dos coloridos – como especial foco de seus trabalhos. As impressões associadas às cores encontram significância não só no campo da arte, mas desperta grande interesse também na moda, no mercado e na comunicação sendo capaz de exercer influência em qualquer campo da atividade humana. A potência de sua linguagem transcende a química e a física intrínsecas. Os estímulos sensoriais se encontram vinculados aos simbolismos cromáticos enquanto fenômeno cultural. Nessa qualidade simbólica interagem sentidos e códigos culturais. A combinação de sentidos, apontada nas expressões: forma das cores, som ou textura da cor, revela a mistura de sensações provocadas. No caso das associações ao sagrado, encontramos a presença da cor amarela como referência ao brilho, agindo como sua representação cromática.



**Imagem 2 – A intensidade das cores fosforescentes destaca-se inclusive no processo de tingimento do material.
Fonte: Arquivo pessoal.**

Segundo Otto,

[...] se os predicados racionais estivessem geralmente em primeiro plano, não poderiam esgotar a idéia da divindade, pois, referem-se precisamente ao elemento que não é racional. São predicados essenciais, mas sintéticos. Só se compreende exatamente o que são se os considerarmos como atributos de um objeto, que, de alguma forma, lhes serve de suporte, mas que eles não captam e nem podem captar. (Op. cit., p.10)

Essa experiência do sagrado é definida por Otto como o 'sentimento numinoso' (*sensus numinis*) enquanto estado afetivo específico não apreendido por conceitos racionais, mas por uma categoria especial que possibilita tratarmos o sagrado como uma categoria autônoma de interpretação e avaliação.

A religiosidade, cada vez mais híbrida, combina estéticas litúrgicas próprias que encontram na experiência do sagrado sua identificação. Segundo Gil Filho, a experiência do *numinoso* é o ponto de convergência de todas as religiões e, ainda, conforme esse autor, podemos conceber quatro instâncias analíticas possíveis do sagrado: a) sua materialidade fenomênica, referindo-se à exterioridade do sagrado e sua concretude; b) a sua apreensão conceitual através da razão, reconhecendo sua lógica simbólica e projeção cultural; c) remetendo à tradição e à natureza imanente do sagrado enquanto

fenômeno; e d) ligada ao sentimento religioso, seu caráter transcendente e não-racional, "trata-se daquilo que qualifica uma sintonia entre o sentimento religioso e o fenômeno sagrado."

Segundo DURKHEIM (1996), a religião encontra-se erigida na própria natureza das coisas:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõe uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas. (DURKHEIM, 1996, p. 19-20)

Na origem das coisas sagradas encontra-se o mito. E pela natureza das coisas sagradas explica-se o mundo. O sagrado nos possibilita uma compreensão de conceitos inaceitáveis racionalmente. "O sagrado é atemporal, multidimensional – para quem crê é onde nasce o mundo." (FRADE, 2011, p.51). Como sistema simbólico, a religião estrutura a experiência conforme descreve Gil Filho, "a religião é a autoridade consagrada e, portanto legítima, [...] Quando apropriada por um determinado grupo social, reveste-se de uma função ideológica".

Imagens e imaginário como facetas 'do que nós sabemos'

Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo. (LAPLANTINE, 1996, p. 2)

O imaginário é uma forma abrangente de percebermos a realidade exterior e possibilita-nos criar novas maneiras de compreendê-la e representá-la. O imaginário acontece como forma de representação da realidade exterior percebida para além de um processo exclusivamente intelectual. As imagens representadas como matéria do imaginário coletivo estão sendo constantemente rearticuladas e reinventadas. As interpretações são relativamente previsíveis e os entendimentos provenientes daí variam de acordo com as vivências pessoais e as experiências próprias. Esta previsibilidade, de certa forma, se apresenta como característica da coerção social, acenada anteriormente. Parte da compreensão precisa ser inventada, efetivamente criada. A criação se dá e com ela possibilidades improváveis podem ser estabelecidas.

As imagens religiosas alcançam reinterpretações diversas em seus deslocamentos consecutivos e constantemente ultrapassam o entendimento estritamente intelectual, transbordando o entendimento e a explanação de seu significado. São representações que atuam em instâncias outras do saber. Importante ressaltar que, apesar de se tratarem de interpretações, por sua vez, não são completamente aleatórias, e sim baseadas em convicções coletivas, alicerçadas na construção da 'realidade', – ou neste sentido comum de realidade – não uma negação desta, como nos mostra Laplantine, o imaginário não é a negação total do real, "*mas apóia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real*" (LAPLANTINE, 1996, p.9). O imaginário não significa, então, ausência da razão, mas apenas a exclusão de raciocínios demonstráveis e prováveis, os quais constituem o fundamento da imaginação científica. (Op. cit., p.28). Percebemos então que o imaginário não está conectado à inconsequência ou irresponsabilidade, e se apresenta sim como elemento constituinte e inerente em nossa vida em sociedade. Apresenta uma configuração em que os métodos científicos não se aplicam.



Imagem 3 - No momento em que a procissão passa bem próximo à praça central, o reflexo do sol se pondo destaca o ostensório dourado, após o único dia no ano em que os fiéis podem admirá-lo fora da igreja.

Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. (ELIADE, 1979, p.13)

Os rituais operam culturalmente como quiasmas de informação sobre valores e axiomas culturais fundamentais na transmissão da cultura praticada e transmitida principalmente pela oralidade. Por meio dos quais o conhecimento profundo de uma sociedade é transmitido através de gerações. Essa articulação constante com o imaginário é o dispositivo capaz de nos maravilhar.

O maravilhoso (literalmente, aquilo que nos torna maravilhados) é a face noturna da existência, é o universo do sonho e da magia que procedam ambos a transformações e metamorfoses (a alquimia das coisas e dos seres) que seriam absolutamente impossíveis na vida cotidiana (Op. cit., p. 10).

A imaginação e sua capacidade criativa funcionam como ferramentas na construção de uma realidade social e preenchem uma lacuna para as questões humanas mais profundas. O sonho, na dimensão onírica da experiência do imaginário sacralizante atua no ser humano como terreno fértil, em que emergem as transformações necessárias para o desenvolvimento e continuidade da vida social. Na construção desta realidade coletiva e principalmente de elaboração e visualização de novas possibilidades.



Imagem 4 – No final, no momento da dispersão de todos, acontece uma queima de fogos de artifícios, sobre a Matriz. As luzes da cidade ‘estouram’ na foto aumentando o efeito de brilho.

Fonte: Arquivo pessoal.

Referências

- CRUZ, J.M.Dias da. A cor e o cinza. Rio de Janeiro: Editora Taba, 2001.
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRADE, I. Arte e religião: objetos sagrados de produção popular. In: FRADE, C.; LIMA, R. Religiosidade Popular. Rio de Janeiro: UERJ, [20--].
- GAGE, J. A cor na arte. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- GIL FILHO, S.F. O sagrado e a religião. São Paulo: [s.n.], 2011.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HATZFELD, H. As raízes da religião. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. (Crença e razão).
- LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L.S. O que é imaginário. 1. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.
- OTTO, R. O sagrado: os aspectos irracionais na noção com o divino e suas relações com o racional. Editora Sinodal, Rio Grande do Sul, 2007.